Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19795
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

VUNJIDISCIPLINARIDADE: UMA METODOLOGIA SOCIOEPISTEMOLÓGICA DA AFRODIÁSPORA NOS ESTUDOS LITERÁRIOS, LINGUÍSTICOS E CULTURAIS CON(TRA)TEMPORÂNEOS

DANIELSON SANTIAGO PORTUGAL (UFBA)

Graduado em Teologia e Letras, mestre em Literatura e Cultura (PPGLitCult/ILUFBA), doutorando na mesma instituição, com bolsa CAPES, inclusive, para etapa doutorado sanduíche na UMBC/USA.

RESUMO

Vunjis são "deidades-dobradiça", que nutrem o elo epistêmico entre arte e devir. Vunji era também uma divindade africana da justiça, e, na afrodiáspora, seu nome passou a designar exclusivamente os inquices gêmeos (BINON, 1970). Seu axé/muntu impulsiona a duplicidade, cruzamento em que a multiplicidade converge para a unidade, podendo desdobrar-se novamente como expressão do valor exponencial da solidariedade socioepistemológica, inscrita no itan "*Os Gêmeos enganam a morte*" (PRANDI, 2001). Vunjidisciplinaridade é, portanto, a ginga do saber entre encruzilhadas geopolíticas, nos fluxos interculturais, a partir dos quais a diáspora negra se afro-assenta. Na teoria do conhecimento, proponho-a como "ida" transdisciplinar à África epistêmica, com retorno interseccional e decolonial às suas diásporas. Afro-assentamento é, para a memória afroancestral, resposta remanescente de suas descendências, que desarticularam a escravidão, de dentro do roncó da memória transatlântica. Na socioepistemologia vunjidisciplinar, a participação e reconhecimento da coletividade na coconstrução do saber é *conditio sine qua non* de sua feitura, sempre "con(tra) temporânea", como Carrascosa (2024) pensa o termo, para problematizar a história sincrônica, pois, segundo a representação retórica, não somos contemporâneos/as de nenhum evento significativo da historiografia colonialista. Ser con(tra)temporâneo/a consiste na "inscrição" multimodal e plurissignificante nas contemporaneidades periféricas (AUGUSTO, 2018). Como os Ibejis, gêmeos nagôs, salvaram sua aldeia da morte por meio da arte, espero que a instauração da vunjidisciplinaridade implique renovação de forças na luta contra "*o genocídio do povo negro*" que é "*processo de um racismo mascarado*" (NASCIMENTO, 1978). E a máscara sendo um *phármacon*, vunjidisciplinaridade é seu (des)ajuste, nas capoeiragens enunciativas.

Palavras-chave: Metodologia vunjidisciplinar, con(tra)temporaneidades periféricas, socioepistemologia, memória afroancestral.

ABSTRACT

Vunjis are "hinge-deities" that nurture the epistemic link between art and becoming. *Vunji* was also an African deity of justice, and, in the Afro-diaspora, the name came to designate exclusively the twin *nkisi* (BINON, 1970). Their *axé/muntu* drives duality a crossing point where multiplicity converges into unity while also allowing for a further unfolding as an expression of the exponential value of socio-epistemological solidarity, as inscribed in the *itan* "The Twins Conquered Death" (PRANDI, 2001). *Vunjidisciplinarity* is, therefore, the dance (fluid, rhythmic movement) of knowledge amidst geopolitical crossroads and intercultural flows, from which the Black diaspora establishes its Afro-settlement. In the realm of knowledge theory, I propose it as a transdisciplinary "journey" to an epistemic Africa, with an intersectional and decolonial return to its diasporas. For Afro-ancestral memory, Afro-settlement represents the enduring response of descendants who dismantled slavery from within the *roncó* of *memoriture* an epistemic-artistic space of Black diasporic memory. In socio-epistemology, the collective's participation and recognition in the co-construction of knowledge is a *conditio sine qua non* of its creation; this process is always "counter-contemporary" a term

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19795
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

conceived by Carrascosa (2024) to problematize synchronous history since, according to dominant rhetorical representations, we are not contemporaries of any significant event in traditional historiography. Being con(tra) temporary consists of a multimodal and multi-signifying "inscription" within peripheral contemporaneities (AUGUSTO, 2018). Just as the sacred twins saved their village from death through art, I hope that the establishment of *vunjidisciplinarity* entails a renewal of strength in the struggle against "the genocide of the Black people" which is "a process of masked racism" (NASCIMENTO, 1978). Since the mask is a *pharmakon*, *vunjidisciplinarity* is its (mis)adjustment within the enunciative capoeirages.

Key words: Vunjidisciplinary methodology, against peripheral temporalities, socio-epistemology, afro-diaspora memory.

> "*A textualidade dos povos africanos e indígenas, seus repertórios narrativos e poéticos, seus domínios de linguagem e modos de apreender e figurar o real, deixados à margem, não ecoaram em nossas letras escritas*" (Leda Martins).

Preâmbulo

"Vunjidisciplinaridade: uma metodologia socioepistemológica da afrodiáspora nos estudos literários con(tra)temporâneos" é uma proposta metodológica politicamente geminada, por considerar a multiplicidade de dicções, não somente teórico-críticas, mas também imaginativo-criativas no campo literário contemporâneo. Trata-se de uma metodologia que se ocupa do campo da memória afroancestral nas diásporas negras, portanto, de uma abordagem que se perfaz nos transes, transas e trânsitos de encruzilhadas epistêmicas (como uma *encruzatura**, termo poético-estético, para sua caracterização "*gongoleira*", isto é, semelhante a um gongolo).

"As afrografias da memória", conceito produzido pela ensaísta e crítica de arte, Leda Martins, para narrar como as culturas afrodiaspóricas registram e transmitem suas histórias, gnoses ancestrais, sociabilidades geopolíticas, interculturalidades e comunicabilidade artística, não apenas por meio da escrita tradicional, mas principalmente performando práticas corporais, cujo fundamento é a oralidade (MARTINS, 1997), tornou-se a *encruzilha** da vunjidisciplinaridade. *Encruzilha é o ponto de convergência dos multicaminhos da encruzilhada, na contramão da *encruzilhagem**, que designa suas linhas centrífugas.

Embora a noção designativa do termo vunjidisciplinaridade, de seus métodos, técnicas, prestabilidade e projeção se espraie neste corpo textual, devo, preliminarmente, apresentar sua constituição sincrética, para uma compreensão da morfologia nominal, vunji(disciplinaridade), como processo de aculturação linguística, no qual os Ibejis são motivo itânico do assentamento dessa metodologia a partir do intercâmbio de valores e correspondências simbólicas encontráveis na função ritual de dobradiça em Vunji(s). Esse processo, ao contrário de aniquilar a identidade cultural de uma das partes correlacionadas por afinidade gnosiológica africana, inaugurou a socioepistemologia na afrodiáspora, que é sincrética, devido ao contexto histórico de contracultura hegemônica na desarticulação da colonialidade.

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19795
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

Nesse caso, se inaugurou a solidariedade epistemológica, enriquecedora da "*cosmovisão africana no Brasil*" (OLIVEIRA, 2006).

Ibejis são orixás nagôs, e seus correspondentes jejes são os Hohos. No Brasil, há uma querela sobre a identidade de Vunji(s), deidade feminina da justiça e da fertilidade nos circuitos bantos, abrangendo a ideia bipolar de origem, geradora do terceiro termo incluído na lógica da não contradição, fazendo-a repensar seu alcance, restritivo à representação conceitual, pois os fenômenos socioculturais estão aí (des)assentados na ordem do dia. Gisèle Binon Cossard (1970) diz que existe um nkisi de origem kongo, chamado Funza, relacionado à fecundidade, cura e condição mabaça. Vunji, na descrição de Oscar Ribas (1958), é deidade jovem da justiça e fertilidade, recuperadora no Brasil dos atributos de Funza, que caminha para o esquecimento.

Nosso caminho genealógico em busca de alguma etimologia para Vunji(disciplinaridade) encontra uma etiologia rizomática, pois Vunji(s) se relaciona(m) a tudo o que nasce ou tem dificuldade de nascer; e esse aspecto onto-itânico, encurta a distância entre ele(s) e os Ibejis. Encontrei no "Dicionário Kimbundu-Português", de A. Assis Júnior, definições que transcorrem para o trânsito linguageiro afro-brasileiro, justificando a relação gongoleira entre Vunji e Ibejis que os tornam quadrigêmeos, alegoria para os dois pares de patas articuladas em cada segmento do gongolo. Dois pares significam o quádruplo bipedal que confere a plasticidade gongoleira de encolher o corpo cilíndrico em espiral e esticá-lo com destreza para quaisquer direções, ajustando a bipolaridade do devir, impresso como potência em Vunji (aquela que promove justiça fecundando a existência negra), performável pelos Vunjis (gêmeos banto assimilados pelos Ibejis), cujo ressurgimento afrodiaspórico é metodologia socioepistemológica gongoleira: vunjidisciplinaridade.

Vunji: "gravidez em que não cessa a menstruação", indicando uma superfecundidade; "o indivíduo desta gravidez", um indicativo de que Vunji(s) simboliza(m) uma espécie de líquido amniótico na economia semântica da vunjidisciplinaridade. Ainda significa "ingênuo; inofensivo; pessoa simples" (ASSIS JR, s./d., p. 375), como o gongolo. Este, equipado pela natureza com o extraordinário corpo alongado e segmentado, impedindo que se torne extremamente vulnerável entre os predadores; e nossa "*gongolidade*" afrodiaspórica é também socioepistemologia protetiva para não tornarmo-nos mera compostagem nos jardins tóxicos da colonialidade do saber.

Não há confusão, portanto, no emprego afro-brasileiro, sobretudo, no campo da religiosidade, dos rituais vúnjicos, associados à configuração dos Ibejis. É justamente dos rasgões da monodisciplinaridade discursiva que emerge validamente a perspectiva do terceiro termo incluído, que desarticula as exclusões perspectivistas da ciência cartesiana e da lógica clássica do princípio da identidade, da não contradição e do Terceiro excluído. Lílian e Deus (2020), nesse sentido, denuncia a opressão contemporânea, debitária de antigos sistemas obsoletos, em sua obra "Não é preciso ter útero para ser mulher". A metodologia vunjidisciplinar é, por conseguinte, socioepistemologia da "ciência das Letras"

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19795
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

que não disseca o sujeito do saber e trata com respeito a natureza do objeto analisado, como herança técnica das gnoses africanas.

Isso confirma a perspectividade socioepistemológica de que os estudos da brasilidade, como identidade nutrida do *corpus* civilizatório africano, não pode orientar-se exclusivamente pelo discurso historiográfico, pois o sincretismo intercultural multideterminou que "as culturas africanas não podiam se manter intactas no novo ambiente, como, aliás, contaminadas já vinham elas de seu *habiat* de origem"; e, "no Brasil, puseram-se em contato com culturas ameríndias e europeias. Desse contacto, haveriam de surgir, como surgiram, transformações de graus diversos" (VALENTE, 1997, p. 4). Logo, um estudo coerente sobre o Brasil não se faz fora da encruzatura de memórias, de seus circuitos espiralares.

Desenvolvi a metodologia vunjidisciplinar, conforme sua genealogia gongoleira no Afro-Brasil, com a finalidade de ratificar as técnicas interseccionais insurgentes de ida à África epistêmica e de corroborar métodos decoloniais de retorno às suas diásporas. O objetivo deste artigo é apresentar essa metodologia como um jogo de performances socioepistemológicas do campo da "*memoriologia*", que, diferente da hologia do holismo, considera que os fragmentos de um sistema são tão importantes quanto à sua totalidade, podendo tornar-se mais expressivos ainda. Quanto ao emprego de um verbete e outro, oriundos do glossário da tese de doutoramento, na área de Letras, em fase de finalização da escrita já qualificada, que viabilizou este artigo, os sinalizarei com o símbolo "*", seguido da respectiva explicação no próprio corpo textual, para que seus significados sejam inteligíveis durante o processo de "*gongolagem*", ou seja, da dinâmica gnosiológica de dobra/desdobramento, como dobradiça de enunciação.

Minha hipótese, fundamentada na percepção do problema epistêmico flagrante do "*memoricídio*" (OLIVEIRA, 2023), "*ontoepistemicídio*" (CARNEIRO, 2005) e "pilhagem epistêmica" (FREITAS, 2025), é a de que a inédita metodologia vunjidisciplinar emerge de encruzas afrodiaspóricas, como socioepistemologia "*con(tra)temporânea*" (CARRASCOSA, 2024), para incluir a perspectividade da cultura negra, na linguagem codificada dos "métodos críticos da análise literária" (BERGEZ, 1997), que, no Brasil, apresenta significativa diversidade, e dessa diversidade se encontram excluídos os sujeitos afro-pindorâmicos, conforme nos ensina a professora e pesquisadora Florentina Souza (2017). Assim, na vunjidisciplinaridade, "os lugares de negociação adquirem contornos de cenário social na medida em que são mantidos e alterados pelos atores e pelos enredos que o atravessam", configurando o literário (PEREIRA, 2023, p. 141).

Fundamentação itânica da vunjidisciplinaridade: "*Os Ibejis enganam a morte*"

Os Ibejis, os orixás gêmeos, viviam para se divertir. Não é por acaso que eram filhos de Oxum e de Xangô[1]. Viviam tocando uns pequenos tambores mágicos, que ganharam de presente de sua mãe

1 Tal filiação possui muitas variantes na afrodiáspora, bem como demais relações de parentesco; elas

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19795
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

adotiva Iemanjá. Nessa mesma época, a morte colocou armadilhas em todos os caminhos e começou a comer todos os humanos que caíam em suas arapucas. Homens, mulheres, velhos ou crianças, ninguém escapava da voracidade de *Ikú*[2], a Morte. *Ikú* pegava todos antes de seu tempo de morrer haver chegado. O terror se alastrou sobre os humanos. Sacerdotes, bruxos, adivinhos, curandeiros, todos se juntaram para pôr um fim à obsessão de *Ikú*. Mas todos foram vencidos. Os humanos continuavam morrendo antes do tempo. Os Ibejis, então, armaram um plano para deter *Ikú*. Um deles foi pela trilha perigosa onde *Ikú* armara sua mortal armadilha. O outro seguia o irmão escondido, acompanhando-o à distância por dentro do mato. O Ibeji que ia pela trilha ia tocando seu pequeno tambor. Tocava com tanto gosto e maestria que a Morte ficou maravilhada, não quis que ele morresse e o avisou da armadilha. *Ikú* se pôs a dançar inebriadamente, enfeitiçada pelo som do tambor do menino. Quando o irmão se cansou de tanto tocar, o outro, que estava escondido no mato, trocou de lugar com o irmão, sem que *Ikú* nada percebesse. E assim um irmão substituía o outro e a música jamais cessava. E *Ikú* dançava sem fazer sequer uma pausa. *Ikú* ainda que estivesse muito cansada, não conseguia parar de dançar. E o tambor continuava soando seu ritmo irresistível. *Ikú* já estava esgotada e pediu ao menino que parasse a música por instante, para que ela pudesse descansar. *Ikú* implorava, queria descansar um pouco. *Ikú* já não aguentava mais dançar seu tétrico bailado. Os Ibejis então lhe propuseram um pacto. A música pararia, mas a Morte teria que jurar que retiraria todas as armadilhas. *Ikú* não tinha escolha, rendeu-se. Os gêmeos venceram. Foi assim que os Ibejis salvaram os homens e ganharam fama de muito poderosos, porque nenhum outro orixá conseguiu ganhar aquela peleja com a Morte. Os Ibejis são poderosos, mas o que eles gostam mesmo é de brincar (PRANDI, 2001, p. 375-7).

No momento de substituição de um Ibeji e outro, o improviso significa, na afrodiáspora, a práxis solidária da produção de escrevivências (EVARISTO, 2008), a partir das quais construímos um porto narrativo para o aquilombamento de pessoas afrodescendentes (OLIVEIRA; FEIBRISS, 2023), dispersas sem perspectiva geopolítica, no Brasil contemporâneo. Por isso, Fernanda Miranda (2019) insiste, em sua obra "Silêncios Prescritos", na instauração da representatividade negra na literatura contemporânea, haja vista a representação tradicional não contempla de forma positiva os múltiplos modos de dizer e fazer literatura no Brasil (FONSECA, 2019).

Operacionalmente, os Ibejis efetivam "os aspectos simbólicos de culturas infantis", fugidios da mimese, aquilo que William Corsaro analisou como "culturas de pares de crianças e reprodução interpretativa" de gestos observados em experiências adultas, ressignificadas no ato de brincar, pois, apesar do contexto predefinido, "as crianças, no entanto, rapidamente se apropriam, usam e transformam a cultura simbólica à medida que produzem e participam da cultura de pares" (CORSARO, dependem da tradição, que narra o itan; essa movência da memória é um requinte da oralidade.

2 Na obra de Reginaldo Prandi (2001), da qual extraí o itan "*Os gêmeos enganam a morte*", a palavra *Ikú* se encontra aportuguesada (Icu). Optei, contudo, por manter a grafia yorùbá, pois se trata de uma divindade muito importante à manutenção da dinâmica da existência.

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19795
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

2011, p. 134). A duplicidade e duplicação dos procedimentos sociocríticos, na performance de oralidade, capaz de fazer a morte dançar, libertando os operadores vúnjicos de suas armadilhas, transmudou-os em epistemólogos e poeticistas do saber-fazer "literário" (artístico), ampliando os domínios da fruição, abarcará o coletivo para a dança da vida.

Para Bourdieu (2004), "os usos sociais da ciência" produzem uma socioepistemologia "clínica do campo científico". Nesse campo, as determinações fenomenológicas das instituições de poder na produção de conhecimento traduzem "duas espécies de capital científico": o prestígio pessoal e a agenda institucional. Na afrodiáspora, instituímos a terceira espécie de capital científico: os projetos de extensão universitários, cujo alcance depende da geração de consciência histórica para participarmos da partilha do poder; e políticas públicas de ações afirmativas desempenham um papel basilar nesse processo. Quando o/a socioepistemólogo/a, no uso vunjidisciplinar,

> empreende a exploração de uma ordem qualquer de fatos sociais, deve esforçar-se por considerá-los sob um ângulo em que eles se apresentem isolados das suas manifestações individuais. Foi em virtude deste princípio que estudamos a solidariedade social, as suas formas diversas e a sua evolução por meio do sistema das regras jurídicas que as exprimem[3] (DURKHEIM, 2003, p. 65).

Redefinindo funções perspectivistas

Há mais de quatro séculos, sociedades ocidentalizadas seguem o cartesianismo na interpretação do mundo, em que as estruturas acadêmicas se pautam na descontextualização, fragmentação e objetivismo, formas racionalistas de investigar a realidade, gerando a monodisciplinaridade e o pensamento dual: teoria da substância [*res cogitans*, alma, e *res extensa*, corpo], que minimiza o valor relacional da corporeidade. Tal paradigma desconsidera intuição, imaginação, afeto e toda forma de extensão sensível do corpo, como via de inteligibilidade do humano no *cosmos*.

Porém a história humana anterior a Descartes, que viveu um pouco mais de meio século [1596-1650], aponta outra prática cotidiana, marcada pela articulação dos saberes, hoje sistematizado como transdisciplinaridade. O conceito é recente, mas sua prática ordinária acompanha a humanidade, desde suas primeiras experiências intramundanas, como socioepistemologia do cotidiano; por isso, ela requer o resgate do sentido de unidade na diversidade, impactando a percepção da realidade, que é pluridimensional e multirreferencializável.

Vovó Cici (2021), nessa perspectiva, diz que a diferença entre a bruxa feia e a fada boazinha dos

3 Émile Durkheim (1999) refere-se à obra "*Divisão do trabalho social*"; Nós nos fundamentamos na socioepistemologia afrodiaspórica, cuja memória africana é o nosso quilombo urbano, conforme Beatriz Nascimento (2021) o delineou, em "*uma história feita por mãos negras*".

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19795
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

contos infantis reside nas sociabilidades, que se queiram privilegiar e nas intersubjetivações, que se desejam estigmatizar, pois as duas figuras são mulheres em busca de legitimação e visibilidade, percorrendo caminhos diferentes nas representações simplistas da figura feminina. Então, a transdisciplinaridade é o reconhecimento *corpolexicultural** de retificação da tradução da dita alteridade como autêntica identidade nas relações humanas. *Além da relação indissolúvel entre léxico e cultura no processo tradutório, o corpo tradutor e o *corpus* traduzível delineiam intersubjetivações basilares à tradução, por isso, essa relação se constitui pelo corpolexicultura.

Esse conceito é divisor de águas à compreensão da identidade ontocultural na afrodiáspora, pois a "Presença-da-Mãe", imagem do acolhimento (paralela ao Nome-do-Pai), tornou-se, na travessia transatlântica, uma alegoria para a casa geratriz de humanidades violadas. O valor simbólico do Nome-do-Pai, na afrodiáspora, se reprocessa "enfraquecendo-se", enquanto significante, porque

> a função paterna não é um ato ou um papel atrelado ao desempenho de um indivíduo biologicamente macho. Também não é um acontecimento limitado ao tempo e às vicissitudes da família nuclear. Ainda que se realize na relação triangular mãe – filho – pai, a função paterna já se delineia nos binômios mãe – pai e mãe – filho. É um processo dinâmico que antecede e acompanha o sujeito por ela estruturado. A construção e a emergência da função paterna, seja ela competente, ou não, ocorrem no emaranhado das tramas do romance familiar que contribui com os elementos que povoam o imaginário e o simbólico de cada sujeito (MONTEIRO, 2001, p. 1).

O artigo didático de Dalva Monteiro (2001) elucida o conceito psicanalítico de função paterna nos meandros da cultura. Nos afro-assentamentos da diáspora negra, captei a lacuna simbólica e o esmaecimento daquele significante, que, no contexto de acomodação da cultura colonizadora, não se constitui como psicose, vez que o *Nome-do-Pai*, como vimos há pouco, não é inscrição biológica do macho, mas plurissignificação da lei simbólica de inserção na cultura, um "código" transferido para o "Corpo-da-Mãe-África", diante do "Nome-do-Pai-morto" durante a travessia transatlântica. A reinterpretação desse significante reflete a tese de Cheikh Anta Diop (1974) de que a organização social matrilinear na Antiguidade gerou as primeiras civilizações, regidas pelo matriarcado, instaurador da Imago Materna como significante absoluto, substituído pelo patriarcado fraturado durante a transição da sociedade tradicional para o nomadismo.

O conceito junguiano de maternagem se torna uma ponte simbólica para a grande travessia não somente imaginária [no sentido psicanalítico], mas também imaginativa na acepção vunjidisciplinar. Nesse caso, exclui-se também a possibilidade de estruturação da perversão [em macro escala] no sentido da ausência da lei simbólica, conferida pelo "Nome-do-Pai", porque aquele *romance familiar*, ao qual Monteiro (2001) se referiu, validamente para o euro-ocidente, foi substituído pela *tragédia negra*

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19795
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

da *coloniescravidão**, termo designativo da inseparabilidade entre colonização e escravidão; logo, contabilizo a colonialidade do saber como processo estruturante do sujeito neurotizado, condição ôntica da "normalidade", no discurso psicanalítico.

Tenho empregado o termo afro-assentamento com hífen, justamente, para não nos esquecermos da insanidade e perversão da empresa colonialista, que assumindo o papel de um deus nômade, contrário à afroancestralidade criativa, decidiu extrair a humanidade dos povos escravizados, de cujos antepassados mais remotos proveio o *Homo Sapiens – Sapiens*. O hífen sinaliza a laboriosa arte de reinventarmo-nos humanamente nos hiatos da racialidade. Nesse sentido, a função paterna é insuficiente para reaver a humanidade que foi sucateada; é necessário um recomeço simbólico, possível na arte sacra, expressão simbólica do "Corpo-da-Mãe", nutrição da origem.

Analisando o nomadismo e o patriarcalismo e sua relação direta com a colonização, "grandes navegações", confirmam a premissa da necessidade da ética no saber-fazer epistemológico. Morin (2000) nos diz que a especialização desarticulada do cuidado transdisciplinar pode tornar-se um perigo para a humanidade. Cabral não teria alcançado o Brasil, por exemplo, se não estabelecesse relações sistematizadoras dos conhecimentos; mas ele o fez lendo a Europa como "o umbigo do mundo", pelo viés multidisciplinar.

Refiro-me aos saberes e às tecnologias, devotados ao etnocentrismo, empregados objetivamente para a dominação da natureza ou para o domínio do homem sobre o homem. Caminhar não é preciso, capoeirar é preciso; e "*a capoeira do pensamento*" (SANTANA, 2021) é performance de ideias, no terreno do improviso, gingada em duplo, cada vez que o devir é ameaçado de extinção. Em "a formação do espírito científico", Gaston Bachelard nos diz:

> Ao retomar um passado cheio de erros, encontra-se a verdade num autêntico arrependimento intelectual. No fundo, o ato de conhecer dá-se contra um conhecimento anterior, destruindo conhecimentos mal estabelecidos, superando o que, no próprio espírito, é obstáculo à espiritualização (BACHELARD, 1996, p. 17).

O giroscópio epistêmico da vunjidisciplinaridade

Entre incontáveis exemplos registrados na "História" das tecnologias (de adoecimentos), podemos citar "os bombardeamentos em Hiroshima e Nagasaki", em 1945. Olhando em retrospecto, "o campo de concentração de Auschwitz" a partir de 1942 e, mais recentemente, "o onze de setembro", em 2001, nos EUA; sem esquecer, neste território, da dizimação em massa de indígenas, a partir de 1492 em diante; e, em terras africanas, da desumanizante prática da escravização de pessoas negras, com início por volta de 1550, cujos efeitos ainda hoje, no pós-escravatura, se assomam à miséria humana na Contemporaneidade.

Também, os ataques da Rússia contra a Ucrânia, desde 2014; e o desejo de setores administrativos

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19795
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

dos EUA, reafirmado em 2026, de recolonizar a Groelândia cuja exploração mineral poderia causar uma catástrofe ecológica irreparável; ainda sua intrusão na Venezuela e invasão ao Irã, como se esses países fossem seu quintal, são atos que demonstram o declínio da "civilidade" humana, apesar de tantas tecnologias disponíveis a certas elites, e bloqueadas para outras parcelas da comunidade humana. Entre outras contradições diplomáticas, testemunhamos as ações do Estado de Israel contra palestinos, com apoio da mídia jornalística, definindo terroristas e cosmopolitas.

As atrocidades do euro-ocidente em África nos recordam das iscas humanas, trabalhos forçados, mutilações corporais, entre outras calamidades, para muito além de catástrofes naturais. A "missão civilizatória" da Bélgica, por exemplo, extraiu inúmeros congoleses de suas terras natais para habitarem os zoológicos humanos em exposições europeias. Histórias como essas, muito recentemente, entre 1836 e 1909, tornaram Leopoldo II, rei da Bélgica, bastante conhecido, por suas atrocidades, como mandante da mutilação de escravizados "rebeldes", incluindo crianças.

E no Brasil contemporâneo, para além do holocausto de africanos traficados às Américas, muito maior que o de judeus dispersos pelo mundo, Daniela Arbex (2013) noticiou o "*Holocausto Brasileiro: vida, genocídio e 60 mil mortes no maior hospício do Brasil*". Tudo isso se relaciona a esquemas metodológicos, já que a palavra método, de origem grega, significa "caminho para chegar a um fim". Por isso, proponho a caminhada transdisciplinar dos Ibejis que objetivou a preservação da vida humana, como método vunjidisciplinar de combate à "necropolítica" na diáspora negra (MBEMBE, 2018; CASTIANO, 2015). Esta guarda, como marca de africanidade, a relação suplementar entre vida e arte, como necessária socioepistemologia.

O uso narcisista da monodisciplinaridade resulta o descompromisso com o saber *biorilógico** desequilibrando a casa comum. *Biorilogia é a contribuição metamorfósica que a perspectiva *ubuntu*, registrada no *Orí*, oferece à biologia evolucionista, inaugurada em detrimento da predação dos menos aptos pelos mais aptos; na biorilogia, reside o cuidar do *Orí* dos mais fragilizados pelos mais solidários, como forma de preservação da inviolabilidade da dignidade humana, e não da espécie em sentido restritivo, como aquele do humanismo literário.

Já o saber interdisciplinar "consiste em estabelecer verdadeiras conexões entre conceitos, instrumentos de análise e modos de interpretação de várias disciplinas", um passo firme à transdisciplinaridade, que "como parece indicar o prefixo *trans-*, corresponde a um movimento de transversalidade das disciplinas, resultando uma co-construção dos saberes que atravessam literalmente as disciplinas constituídas" (CHARAUDEAU, 2013, p. 22).

Mas, diferente da transdisciplinaridade, que abrange o conjunto das expressões e experiências humanas, a interdisciplinaridade põe sua ênfase metodológica no jogo de intersaberes. Alguma intercartografia *arayética**, nesse sentido, pode decodificar os pergaminhos da interdisciplinaridade, abrindo

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19795
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

caminho à transdisciplinaridade. *Em yorubá, "*Aráyé*" é o gênero humano (BENISTE, 2016, p. 117); então, arayética traduz um *ethos* inclusivo de todos os humanos sem exclusões de "raça", gênero, classe e outras categorias analíticas.

A transdisciplinaridade projeta um olhar atento às identidades transformadas em alteridades pela tecnologia de representação científica (SILVA, 2022), que aprisionam os "outros da Europa" no *neutragonismo**. **Neutragonista* é a pessoa comum que perde sua condição de agente político na historiografia, que o congela no anonimato, depois de ter sido depreciado, sucessivas vezes, na representação, inclusive, literária; esta neutraliza sua participação e de seus coletivos na história. Povos árabes, por exemplo, transportaram conhecimentos e tecnologias para a Europa, no entanto, a historiografia os retratou como bárbaros e inimigos:

> Os árabes introduziram na Europa várias plantas como o arroz, o cânhamo e o açúcar. Desenvolveram a agricultura, onde dominaram, utilizando o sistema de irrigação, transformando terras estéreis em férteis regiões. A Europa adquiriu dos árabes o conhecimento da bússola, do astrolábio. Do papel e, talvez, da pólvora, conhecimento este trazido da China pelas caravelas árabes. As traduções feitas pelos árabes, durante o medievo, de obras da cultura clássica greco-romana, contribuíram para o surgimento do Renascimento cultural europeu (MELLO; COSTA, 1993, p. 219).

Se a monodisciplinaridade reivindica um território conquistado, a interdisciplinaridade agencia a desterritorialização dos saberes democratizando-os, e a transdisciplinaridade os cosmopolitiza, considerando-os territórios contestados, como o é a literatura brasileira contemporânea, cerzida por novas dicções sociais (DALCASTAGNÈ, 2008) na via de mão dupla vunjidisciplinar.

Repensar o alcance e uso de cada metodologia constitutiva da teoria do conhecimento é prática de inclusão geopolítica, que democratiza os saberes e emancipa-nos socioepistemologicamente. Nesse sentido, a vunjidisciplinaridade é *deemulação** do referencialismo *white*, como uma forma de autopreservação. *Deemular-se implica convivência, conhecimento, identificação e diferenciação, para que ocorra a desejável desidentificação, já que emular é uma economia entre desejo, rivalidade, competição e identidade no jogo fenomenológico de expressões identitárias.

Vunjidisciplinaridade é, pois, ajuste de contas de uma "*dívida impagável*" (SILVA, 2019); e, pensando nela a partir de políticas públicas afroafirmativas, como necessária reparação histórica, Lawrence Brown diz que "a equidade racial não é uma visão fantasiosa ou utopia. É um processo concreto para criar e manifestar futuros promissores. Esse processo reconhece que o trauma histórico contínuo causou danos que precisam ser curados e reparados" (BROWN, 2021, p. 224).

Por fim, sintetizando as abordagens metodológicas no campo das disciplinaridades, gostaria de comparar o trabalho de parto da transdisciplinaridade, que deu à luz a metodologia vunjidisciplinar. A imagem de um gongolo em espiral é seu útero, gnosiologia africana, cujos segmentos duplos com dois pares de patas articuladas, refletem os Ibejis e os Vunjis intercalando a composição do "cenário ri-

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19795
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

tual do drama dos deuses" (SOYINKA, 2024), que objetivam a transformação da tragédia transatlântica em "épica-itânica" afrodiaspórica, nos encaminham à perspectiva ubuntu, ancestralidade, oralidade, sacralidade da natureza, ritualidade cotidiana, nutrição comunal etc., pelos ductos da arte engajada como procedimento retardador dos passos imparáveis da morte:

QUADRO COMPARATIVO DAS TERMINOLOGIAS DISCIPLINARES

TERMO:	**DEFINIÇÃO/APLICABILIDADE**:
Monodisciplinaridade	Consiste no emprego de uma disciplina isolada em determinada área do conhecimento, na qual ocorre a fragmentação do saber. Esse método compõe a grade curricular tradicional de ensino, especializado e concentrado em uma única disciplina.
Multidisciplinaridade	Simultaneidade de disciplinas, que, ao serem trabalhadas, não estabelecem relações entre si. Predomina-se um sistema de um só nível de objetividade, sem cooperação epistêmica entre as disciplinas, em que o conhecimento pode ser dividido em partes.
Pluridisciplinaridade	Situa-se em um sistema de disciplinas, também de um só nível (objeto/objetivos), mas ocorre nele a justaposição disciplinar, considerando o mesmo nível hierárquico das disciplinas, o que permite a percepção da existência de relações entre elas.
Interdisciplinaridade	Sistema de níveis diferentes e objetivos múltiplos. As relações entre as disciplinas são necessárias porque ocorre a cooperação entre elas, sendo que é precisamente o objeto de pesquisa quem determina o grau de subordinação entre as disciplinas.
Transdisciplinaridade	Sistema de níveis e objetivos múltiplos. Relações complexas entre disciplinas, com o reconhecimento multidimensional e plurirreferencializável da realidade. Sua a ênfase recai sobre a metodologia, pois objeto e sujeito são indissociáveis; eles interagem no processo de descrição e interpretação da realidade.
Vunjidisciplinaridade	Socioepistemologia, que mantém a transdisciplinaridade como giro fundamental na construção do saber, assomada de outras perspectivas, produtoras de encruzilhadas epistêmicas. Havendo só uma perspectiva de análise, tornamo-nos o resultado do determinismo disciplinar; mas, os pluricaminhos do saber, dizer e fazer epistemológicos possibilitam-nos acessar o campo do poder, participando de suas agendas geopolíticas.

Fonte: Adaptado de Nicolescou (1996) e Morin (1991), acrescido da vunjidisciplinaridade.

Socioepistemologia con(tra)temporânea, interseccionalidade e decolonialidade

Como socioepistemologia con(tra)temporânea, a vunjidisciplinaridade interpela um sair das estruturas invisíveis acomodadas no pensamento; mas também implica movimento reconciliatório entre humanidade e natureza, para enfim, realizar a união de forças, às vezes antagônicas, entre coletivos, que têm em comum os mesmos enfrentamentos sociais. Esse percurso delineia a arayética como práxis socioepistemológica da afrodiáspora, que se une a um poder simbólico desarticulador do biopoder necropolítico. Este gera "a percepção da existência do Outro como um atentado contra minha vida,

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19795
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

uma ameaça mortal ou perigo absoluto, cuja eliminação biofísica reforçaria meu potencial de vida e segurança" (MBEMBE, 2018, p. 20). O poder arayético, transfigurador do biopoder necropolítico, é raizame socioepistemológico produtor das nervuras da consciência histórica e de um devir constelado, cuja Mãe África é imagem. Nesse sentido,

> A instituição desse poder paralelo, que ainda hoje atravessa a vida cotidiana, de muitas comunidades negras, contribuía no passado para a reunião de *escravizados*[4] de diferentes nações e etnia, muitas delas inimigas seculares em África, nas gigantescas batalhas surdas através das quais os negros foram muito mais agentes na derrocada do sistema escravista do que a história oficial nos dá conta (MARTINS, 1997, p. 61 – *grifo meu*).

A vunjidisciplinaridade em sua ida transdisciplinar à África gnosiológica nos faz enxergar que "todo referencial teórico desenvolvido no ocidente desconsiderou em grande medida as produções epistêmicas produzidas a partir da periferia da modernidade", na qual, por exemplo, "América Latina, África, Caribe, foram espaços interditados na composição epistêmica do mapa do conhecimento mundial" (AUGUSTO, 2018, p. 36). A crítica con(tra)temporânea de Jorge Augusto definiu essa dialética histórica à hegeliana como "Contemporaneidades periféricas".

> A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela (AGAMBEN, 2009, p. 59).

Em seu retorno à diáspora negra, como roteiro teórico-crítico geminado, símile aos mabaças que desestabilizaram a morte, por meio da solidariedade epistêmica, a vunjidisciplinaridade visa à desmontagem das estruturas socioepistemicidas, que começam disseminando entre os coletivos alvejados as "políticas da inimizade" (MBEMBE, 2017). Os Ibejis se puseram a frear a morte natural, *Ikú*, porque este ansiava a antecipação de seu culto, oportunizado em cada ritual funerário em particular; a vunjidisciplinaridade transatlântica possui motivos mais significativos para combater a morte antinatural, haja vista sua ginga gnosiológica, aqui, é contra a necropolítica.

Estabelecer a passagem da necropolítica à ikupolítica é um jogo vunjidisciplinar que exige de nós tornarmo-nos con(tra)temporâneos/as, vez que a intempestividade da morte no "Estado de exceção" é um assalto do "pacto da branquitude" (BENTO, 2022), mas nas africanidades às quais "*a morte é uma festa*" (REIS, 1991), ela se torna agendamento ritual de ciclos vitais concluídos. A con(tra)temporaneidade é, então, reinscrição na história, que nos neutragonizou discursivamente no passado do presente e inviabilizaria o devir, sendo a metodologia vunjidisciplinar uma proposta de abertura de

4 Martins (1997) utiliza o termo da historiografia, criticando discursos de representação. Substituí a palavra "escravo" por *escravizado* para incluir Makota Valdina (2018) ao nosso debate metodológico, pois ela é intérprete do Afro-Brasil, a partir da cultura banto-brasileira, origem da vunjidisciplinaridade.

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19795
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

caminhos que começa no plano da narrativa e segue socioepistemologicamente reconstituindo o *corpus* da afrodiáspora a partir do corpo negro nutrido de afroancestralidade:

> Essa instância mínima e invisível de inflexão é aquela com que desejo lidar sob o epíteto de "con(tra)temporâneo": uma linha de força de certas práticas que, para além de lidarem com a simultaneidade da relação tríade entre aquilo que está no próprio tempo, contra e a seu favor, sub-repticiamente fazem exceder aquele traço contrário, tensionador, deslocador das margens do pensamento, das representações e das produções cotidianas (CARRASCOSA, 2024, 79).

O saber-fazer con(tra)temporâneo é cocriação de um poder paralelo, como Martins (1997) nos mostrou; ele trafega no movimento curvilíneo do tempo, evitando colisões com a historiografia sepulcral, sendo a vunjidisciplinaridade seu carro-chefe em cuja multiplicidade de perspectivas, as dobras da realidade repele a representação de um passado selado na perigosa narrativa de uma única história (ADICHIE, 2009). A socioepistemologia espelhada na ação vúnjica dos Ibejis nos reconecta a dimensões plissadas da memória ancestral, descerrada pela relação entre mortos/morte e vivos/devir, para o qual o tempo é um presente contínuo; por isso "*Ikú* não é um processo que rompe nossa pertença à comunidade. Passamos da condição de vivos à condição de ancestrais mortos-viventes que pertencem à comunidade" (NASCIMENTO, 2020, p. 105).

Quando a necropolítica elimina os nossos corpos, ela não nos aproxima de *Ikú*, ao contrário, impõe o *ikubortamento**, caracterizado pela morte precoce, antes da conclusão dos ciclos naturais da vida. Envelhecer é, pois, projeto da afroancestralidade, que nos prepara para o transe de *Ikú*, como rendição final da matéria ao tempo, o nosso condutor à comunidade dos antepassados, que lutaram contra a escravidão. A socioepistemologia decolonial, na vunjidisciplinaridade, é, então, crítica da categoria sociológica de raça, subserviente à coloniescravidão, vez que

> Com o tempo, os colonizadores codificaram como cor os traços fenotípicos dos colonizados e a assumiram como a característica emblemática da categoria racial. Essa codificação foi inicialmente estabelecida, provavelmente, na área britânico-americana. Os negros eram ali não apenas os explorados mais importantes, já que a parte principal da economia dependia de seu trabalho. Eram, sobretudo, a raça colonizada mais importante, já que os índios não formavam parte dessa sociedade colonial (QUIJANO, 2005, p. 117).

As linhas de fuga desse lugar normativo para os "étnicos da Europa", agendado pela colonização na Modernidade, é oportunizada quando se abre uma fissura nas malhas do poder, nas certezas da linguagem e na representação sempre em crise. Para Deleuze, esse é o rasgão gnosiológico, a partir do qual devemos agir vunjidisciplinarmente; e essa ruptura com a servidão produz o caráter con(tra) temporâneo da nossa metodologia, "que desejo pensá-la geopoliticamente como uma recapitalização tensionada das técnicas e práticas de um certo tempo – um modo ininterrupta e intensivamente negociado de re-usar, estrategicamente, o Estado" (CARRASCOSA, 2024, p. 80).

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19795
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

Como prática comum da interseccionalidade, relativa às minorias políticas ou às diversidades sociais, a metodologia vunjidisciplinar, democratiza os caminhos do devir, inclusive, "chegando mesmo a questionar a agência da mulher negra, como se encruzilhada fosse tão somente o lugar da decisão da vítima: levantar-se ou continuar caída? Sentir ou não as feridas da colonização? É da mulher negra o coração do conceito de interseccionalidade" (AKOTIRENE, 2019, Doc. Online). Por conseguinte, Decolonialidade, Con(tra)temporaneidade, Interseccionalidade e "contracolonialidade" (BISPO, 2023) definem a identidade da metodologia vunjidisciplinar.

O Caçador *memoritânico, ancestral da vunjidisciplinaridade**

*O itan, frequentemente traduzido como mito, conto, lenda, saga, gesta, é um tipo textual que vai além destes gêneros literários, conforme Vovó Cici (2021) o define a partir de sua contação estética de cosmogonias narrativas. Beniste (2016, p. 403) diz que "ìtàn são mitos, histórias [e história da família]"; na memoritura, itan é narrativa nutritiva do texto-corpo, que converge à produção de historicidades. Para demarcar sua especificidade narratológica no campo religioso, passei a tratá-lo como memoritan, memórias do *Orí* em sua ritualística transfixável no itan.

O arco transdisciplinar: afeto, memória, percepção, e sua flecha mabaça: cognição, pensamento, consciência, apontam o itan do "*caçador de uma flecha só*", *Ọ̀ṣọ́tókaṣọṣọ*, como técnica gnosiológica, sendo a bifurcação afrodiaspórica entre os Vunjis e Ibejis seus métodos epistêmicos. Oxóssi [*Ọ̀ṣọ́ọ̀sì*] é memória dos saberes produzidos pelos ancestrais humanos para capoeirar diante dos desafios da existência. Socioepistemologicamente, sua flecha certeira é o pensamento crítico constelado, que, do continente africano, se projeta ao conhecimento de mundos na afrodiáspora. O itan mencionado narra o desempenho do caçador de uma flecha só; utilizo-o para produzir um efeito vunjidisciplinar, qualificativo da flecha do conhecimento, que se bifurca na caçada epistemológica, na floresta de narrativas, que encontra no (re)conto um *modus vivendi*.

A palavra "conto" provém do latim, *computus*, cálculo, conta; ou *contus*. Em grego, *kóntos*, extremidade da lança [apontar para], um estetizante argumento para *Ọ̀ṣọ́tókaṣọṣọ* empunhar seu arco e flecha; ou *commentus*, invenção, ficção. Deverbal de *computare*, calcular, contar. Do francês, *conte*; espanhol, *cuento*; inglês, *short-story* ou *tale*; alemão, *Novelle*, *Erzählung* ou *Märchen*; italiano, *novelle*, *racconto*; romeno, *nuvelei*; yorubá, *itan* e *oríkì* (*tradução transformal**); quimbundo, *musoso*. *A tradução transformal se concretiza na detecção de que o texto não é apenas forma, mas também ato de comunicação efetiva no intercâmbio de pensamentos. Ela excede o aspecto formal da língua e exige notas explicativas sobre a inalcançabilidade de troca entre signos linguísticos no processo tradutório.

No ocidente, o "conto" sofreu inúmeras modificações ao longo da história, sobretudo, no Medievo, para caber no conceito de literatura. Restritivamente, Moisés Massaud (2004, p. 87) diz que "de gênese desconhecida, o conto remonta aos primórdios da própria arte literária". Por que, então mutilar

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19795
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

um corpo textual para que caiba na *fôrma estruturante*? Se a *fórma* pode se tornar mais elástica, se considerarmos que ela é plurissignificável na encruzilhada das linguagens artísticas.

> A noção de encruzilhada, utilizada como operador conceitual, oferece-nos a possibilidade de interpretação do trânsito sistêmico e epistêmico que emerge dos processos inter e transculturais, nos quais se confrontam e dialogam, nem sempre amistosamente, registros, concepções e sistemas simbólicos diferenciados, *nas formas de narrar* (MARTINS, 1997, p. 64-5 – *grifos meus*).

Já que o conto precede à escrita (e escrita literária), indicamos, como uma das etimologias do termo o sugere, que o procedimento (de contar) é coetâneo da própria humanidade, um feito itânico dos *aráyé* afroancestrais. O conto aponta a história a partir dos fragmentos da memória; daí Oxóssi constituir-se como a própria genealogia do conto que aponta por meio da flecha vunjidisciplinar do saber a possibilidade de recontação da história – a origem do itan. Nesse sentido, a vunjidisciplinaridade prima pelas letras itânicas em desabono a escritas "titânicas". Nessa interpretação afrodiaspórica, os Ibejis são motivos memoritânicos da narrativa, que elege Oxóssi, como ritual performado da flecha vunjidisciplinar, apontando os mabaças Vunjis como princípio socioepistemológico fornecedor do nome que fundamenta esta metodologia, um *orimi** da bifurcação linguageira entre poética e estética (a condição do saber entre técnica e fruição).

*Orimi é uma "capoeiragem linguageira" semelhante à metonímia, que substitui um termo por outro por haver uma semelhança significativa entre eles, expressa na significação das ideias arroladas. Mas seus territórios geopolíticos de enunciação os distinguem. Metonímia: "mudança de nome" ou "além do nome"; orimi: "em meu entendimento" (BENISTE, 2016). Construí essa terminologia por meio da justa posição de palavras (orí, "entendimento"; mi, "meu"). Neste, as coisas mudam de nome, conforme a (de)codificação circunstancial do perceptor; naquela, por alguma semelhança que o nome possui com sua contraparte arrolada.

A funcionalidade do sincretismo endógeno entre africanidades diaspóricas explica o processo de *tradução metamorfósica** dos orixás Ibejis para os inquices Vunjis. *Tradução metamorfósica é casulo "corpolexicultural", indicativo de que o corpo de quem traduz (e que se permite traduzir) é afetado (e se afeta) intersubjetivamente. Essa tradução transmuda o signo linguístico, semelhante ao processo de contaminação linguística, muito saudável no campo da comunicação. No processo metamorfósico da tradução, a transformação sígnica é inevitável, pois, nele, a estrutura da palavra é fraturada e o significado estruturado escoa-se de seu rasgão, que a torna plurissignificável.

Nesse sentido, encruzilhada é lugar de constituição da cultura afrodiaspórica, então, "na tentativa de melhor apreender a variedade dinâmica desses processos de trânsito sígnico, interações e intersecções" (MARTINS, 1997, p. 64), aplico o termo tradução metamorfósica para me referir às formas híbridas e emergentes dessas encruzilhadas. Vamos, agora, ao itan do caçador de uma flecha só para localizarmos o orimi explicativo do afro-assentamento de Oxóssi como expressão simbólica da vunjidisciplinaridade, pois já conhecemos o substrato metonímico que conecta os Ibejis aos Vunjis, uma performance ritual geminada, como orimi socioepistemológico.

Revista de Literatura Negra Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19795
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

Assentamento itânico: "O Caçador de uma única flecha" bifurcada

Okê! Olofin era um rei africano da terra de Ifé, lugar de origem de todos os iorubas. Cada ano, na época da colheita, Olofin comemorava, em seu reino, a Festa dos Inhames. Ninguém no país podia comer dos novos inhames antes da festa. Chegado o dia, o rei instalava-se no pátio do seu palácio. Suas mulheres sentavam-se à sua direita, seus ministros sentavam-se à sua esquerda, seus escravos sentavam-se atrás dele, agitando leques e espanta-moscas, e os tambores soavam para saudá-lo. As pessoas reunidas comiam inhame pilado e bebiam vinho de palma. Elas comemoravam e brincavam. De repente, um enorme pássaro voou sobre a festa. O pássaro voava à direita e voava à esquerda... Até que veio pousar sobre o teto do palácio. A estranha ave fora enviada pelas feiticeiras, furiosas porque não foram também convidadas para a festa. O pássaro causava espanto a todos! Era tão grande que o rei pensou ser uma nuvem cobrindo a cidade. Sua asa direita cobria o lado esquerdo do palácio, sua asa esquerda cobria o lado direito do palácio, as penas do seu rabo varriam o quintal e sua cabeça, o portal da entrada. As pessoas assustadas comentavam: "Ah! Que esquisita surpresa?" "Eh! De onde veio este desmancha prazer?" "Ih! O que veio fazer aqui?" "Oh! Bicho feio de dar dó!" "Uh! Sinistro que nem urubu!" "Como nos livraremos dele?" "Vamos, rápido, chamar os caçadores mais hábeis do reino." De Idô, trouxeram Oxotogun, O "Caçador das vinte flechas". O rei lhe ordenou matar o pássaro com suas vinte flechas. Oxotogun afirmou: "Que me cortem a cabeça se eu não o matar!" E lançou suas vinte flechas, mas nenhuma atingiu o enorme pássaro. O rei mandou prendê-lo. De Morê, chegou Oxotogí, o "Caçador das quarenta flechas". O rei lhe ordenou matar o pássaro com suas quarenta flechas. Oxotogí afirmou: "Que me condenem à morte, se eu não o matar!" E lançou suas quarenta flechas, mas nenhuma atingiu o pássaro. O rei mandou prendê-lo. De Ilarê, apresentou-se Oxotadotá, o "Caçador das cinquenta flechas". Oxotodotá afirmou: "Que exterminem toda a minha família, se eu não o matar". Lançou suas cinquenta flechas e nenhuma atingiu o pássaro. O rei mandou prendê-lo. De Iremã, chegou, finalmente, Oxotokanxoxô, o "Caçador de uma flecha só". O rei lhe ordenou matar o pássaro com sua única flecha. Oxotokanxoxô afirmou: "Que me cortem em pedaços se eu não o matar!". Ouvindo isto, a mãe de Oxotokanxoxô, que não tinha outros filhos, foi rápido consultar um babalaô, o adivinho, e saber o que fazer para ajudar seu único filho. "Ah!" – disse-lhe o babalaô. "Seu filho está a um passo da morte ou da riqueza. Faça uma oferenda e a morte tornar-se-á riqueza." E ensinou-lhe como fazer uma oferenda que agradasse às feiticeiras. A mãe sacrificou, então, uma galinha, abrindo-lhe o peito, e foi, rápido, colocar na estrada, gritando três vezes: "Que o peito do pássaro aceite este presente!" Foi no momento exato que Oxotokanxoxô ativara sua única flecha. O feitiço pronunciado pela mãe do caçador chegou ao grande pássaro. Ele quis receber a oferenda e relaxou o encanto que o protegera até então. A flecha de Oxotokanxoxô o atingiu em pleno peito. O pássaro caiu pesadamente, se debateu e morreu. A notícia espalhou-se: "Foi Oxotokanxoxô, o 'Caçador de uma flecha só', que matou o pássaro! O Rei lhe fez uma promessa, se ele o conseguisse! Ele ganhará a metade da sua fortuna! Todas as riquezas do reino serão divididas ao meio, e uma

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19795
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

metade será dada a Oxotokanxoxô!" Os três caçadores foram soltos da prisão e, como recompensa, Oxotogun, o "Caçador das vinte flechas", ofereceu a Oxotokanxoxô vinte sacos de búzios; Oxotogí, o "Caçador das quarenta flechas", ofereceu-lhe quarenta sacos; Oxotadotá, o "Caçador das cinquenta flechas" ofereu-lhe cinquenta. E todos cantaram para Oxotokanxoxô. O babalaô, também, juntou-se a eles, cantando e batendo em seu agogô: "Oxowusi! Oxowusi!! Oxowusi!!! "O caçador Oxo é popular!"E assim é que Oxotokanxoxô foi chamado de Oxowusi. Oxowusi! Oxowusi!! Oxowusi!!! (VERGER, 1997, p. 14).

Conforme o itan, a Vunjidisciplinaridade é "creditária" da Mãe África. O reconto do itan de ***Ọ̀ṣọ́tókaṣọṣo*** é uma narratividade fértil, cujas historicidades produzidas na afrodiáspora, associada ao pretexto do itan "*Os Ibejis enganam a morte*", possibilitou a feitura da flecha vunjidisciplinar do saber, da qual proponho esta análise: I – "*Que me cortem em pedaços se eu não o matar*", menção à fragmentação disciplinar que estilhaça o ***saber-fazer***. II – A mãe que prepara o filho (mesmo à distância) para os desafios socioexistenciais é uma marca interseccional de africanidade, como caminho do ***saber-ser***. III – O babalaô enuncia o ***saber-poder***: "Ou a morte ou a riqueza", resultado do acionamento ou não da socioepistemologia con(tra)temporânea. IV – A articulação do saber transdisciplinar para a resolução de crises humanitárias, como assentamento da vunjidisciplinaridade – o ***saber-saber*** (bifurcado). A flecha vunjidisciplinar do atirador abate, pois, dois alvos inter-relacionados: a ave aterradora e a maldição que se alastrava; esta alegoria para o "ontoepistemicídio" (CARNEIRO, 2005), aquela para o "mundo colonial" (SOUZA, 2021).

Em "*o duplo e a metamorfose: a identidade mítica em comunidades nagô*", Monique Augras (2008, p. 106) diz que "para trazer a caça, Oxóssi leva também duas capangas de couro. Sempre alcança o alvo com sua flecha poderosa. O arco (*ofá*)" sustenta a seta, cujo nome africano significa "flecha que sempre fere" (*damatá*). Se não for para golpear os sistemas de significação colonialistas da linguagem, Oxóssi não empunha a flecha certeira. Em sua capanga dupla, são depositadas perspectividade transdisciplinar e outras perspectivas mono, multi, pluri e interdisciplinares em transe, resultando a metodologia vunjidisciplinar dos estudos literários, linguísticos e culturais con(tra)temporâneos, como socioepistemologia negra em trânsitos.

A ****eguntextura* **do gongolo: um rizoma vunjidisciplinar da afrodiasporicidade

*Eegun é esqueleto, em yorubá (BENISTE, 2016, p. 207). Há no mesmo campo lexical, os termos egúngún, eégún e égún, "Espírito de ancestral que se manifesta em rituais específicos, e por não mostrar nenhuma parte do corpo coberta por tecidos, é também denominado mascarado" (BENISTE, 2016, p. 207). Por analogia, a estrutura é máscara incrustada, mas não definitiva do ser. Entre eegun (esqueleto, osso) e seu parônimo eégún (espírito, ancestral), ocorre o mascaramento representacional, em que a estrutura escamoteia discursivamente o termo designado (como se fosse sua essência). Nela, as estereotipias da representação podem tornar-se "èqún", depreciação, xingamento (BENISTE, 2016,

Revista de Literatura Negra Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19795
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

p. 207).

A estrutura condiciona o significado de seus componentes; a eguntextura funciona como suporte do devir, orientado pelo *habitus*, em determinado campo (BOURDIEU, 1996). A estrutura não molda a mentalidade das pessoas; a cultura, sim; a eguntextura o confirma, pois a realidade não provém de ideias que a precedem, mas do constructo sócio-histórico dos saberes, cuja estrutura (eegun) é a cognição, um "esqueleto" intelectivo, no qual a linguagem investe sentidos, obtendo a "forma" (um égún), como resultado, correspondente à eguntextura, que é "estrutura" aberta ressignificante, uma espécie de transestruturalidade.

A experiência afrodiaspórica no Brasil é um "gongolo", *Arthropoda Diplopoda*, em nomenclatura greco-latina, artrópode, pés articulados e, diplópode, patas duplas, em referência aos dois pares de patas em cada segmentação do corpo, que possui uma estrutura fascinante à percepção poético-estética, por constituir-se de vários segmentos firmemente sólidos, unidos por membranas flexíveis, tornando-os maleáveis, uma metáfora para a performance, uma metonímia para o improviso, um orimi, no entanto, para pensarmos as dinâmicas sociais como eguntextura, a partir das quais a diáspora negra se assentou e ressignifica o Brasil: um afro-rizoma, constituído de um corpo segmentado com múltiplos raizames.

O gongolo como imagem eguntextualizante da literatura negra, isto é, para além das estruturas imobilizadoras estruturadas/estruturantes das letras epistêmicas, é símbolo da eguntextura, à qual não é possível ao sujeito/objeto constituir-se sem articulação multimodal da linguagem, sem negociações geopolíticas plurissignificantes. Semelhante à comunicação entre territorialidades compartilhadas, "protoforma de toda e qualquer cultura: sistema de regras de movimentação humana de um grupo, horizonte de relacionamento com o real" (SODRÉ, 2002, p. 23), ocupando periferias, submundos, intersecções, o gongolo no espelho da representação é mimeticamente sarcástico, pois, dobrando-se em espiral, ele reflete o ensimesmado Narciso, uma imagem euro-ocidental do saber; paradoxalmente, ao desdobrar-se, lembra à afrodiáspora que entrou no transe estático como mecanismo de defesa, e logo segue a constelar-se sob folhas secas, locais úmidos, escuros, para não tornar-se alvo da cadeia alimentar. No entanto, tornar-se-á, na brevidade da vida, húmus de excelente qualidade sobre o qual sementes germinarão mais saudáveis.

Também conhecido como embuá, talvez um nome indígena, do antigo tupi, popularmente chamado de piolho-de-cobra, Maria-café, o gongolo é inofensivo aos humanos, não ataca, não é peçonhento, não transmite doença, detritívoro, se torna um excelente aliado da natureza. No contexto da afrodiáspora, ele nos remete a línguas bantas e, como as epistemes-feitiço, estetiza nossa literatura, que é firme como resistência afroancestral, maleável como a oralidade, inspiradora como um gongolo, feito de dobra e desdobramento, apto ao jogo entre revelar e esconder. A literatura afrodiaspórica é prática cotidiana, o gongolo, sua inspiração, é "mistério".

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19795
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

Hongolo (em quimbundo) e *Nkongolo* (em quicongo) significam literalmente "arco-íris", orimi, para o Nkisi Hongolo ou Angolo, e Kongolo, Deidade Serpente, Orixá Arco-íris. Há contextos de variações diatópicas no nordeste brasileiro, em que o gongolo é chamado gongogi ou grongoji, lembrando a antiga família linguística Gbe (Fongbe), falada originalmente pelo povo jeje, na qual a partícula "ji", entre outros significados, na língua ewe (*èvegbe*) traduz as palavras nascer, crescer, germinar, subir, *céu etc., uma forma estilística* para dizer que, de Angorô, Gongolo é um Erê, como "piolho-de-cobra", filho do Vodun Bessem (Gbèsén), o grande rei jeje.

Lembremo-nos, por fim, que o erê guarda, na regência da infância pessoal do iniciado, uma relação eguntextualizante com os vunjis e Ibejis. As muitas patas articuladas do gongolo, uma concha em espiral, nos leva ao termo afro-rizoma, raizames de recontação de nossa história com múltiplas genealogias (des)enroladas, e suas pernas com dois pares de patas bilaterais, que permitem movimentos ondulatórios rítmicos e altamente coordenados nos lembram a elasticidade e duplicidade dos Ibejis e dos Vunjis, como fundamentos memoritânicos da vunjidisciplinaridade, cuja flecha bifurcada do saber indica a ampliação das possibilidades de êxito para epistemes afrodiaspóricas no terreno literário, no campo da linguagem, nos territórios culturais, nos domínios da comunicação. O *corpus* gongoleiro, na literatura afrodiaspórica, ao enrolar-se, se recolhe no *modus operandi* da reprodução cultural negra, desenrolando-se, ele se manifesta como modus vivendi na reprodução social afro-assentada, diria talvez Bourdieu, e performamos, nós.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. Ngozi. *O perigo de uma história única*. S.P.: Companhia das Letras, 2009.

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. SP: Sueli Carneiro/Pólen, 2019.

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios* Chapecó: Argos, 2009.

ARBEX, Daniela. *Holocausto brasileiro*. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

ASSIS JUNIOR, António de. *Dicionário kimbundu-português*. Luanda: Edição de Argente, Santos & Cia., [19--]. https://dn790009.ca.archive.org/0/items/dicionriokimbu00assiuoft/dicionriokimbu00assiuoft.pdf> 28/06/2026.

AUGRAS, Monique. *O duplo e a metamorfose: a identidade mítica em comunidades nago*. [2. ed.]. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

AUGUSTO, Jorge (org.). Contemporaneidades periféricas. Sal.: Segundo Selo, 2018.

BACHELARD, Gaston. *A formação do espírito cientifico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Tradução de Antônio da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal. 1993. https://sites.usp.br> 30/04/205.

BENTO, M. A. Silva. *O pacto da branquitude*. SP: Copyright © 2022.

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19795
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

BERGEZ, Daniel. *Métodos críticos para a análise literária*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BINON, Gisèle Cossard. Contribution à l'étude des Candomblés au Brésil: Le Candomblé Angola. Paris: Tese de doutorado em Etnologia, Faculté de Lettres et Sciences Humaines/Université de Paris, 1970.

BISPO dos Santos, A. *A terra dá, a terra quer*. SP: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

BOURDIEU, Pierre. *As Regras da Arte: Gênese e Estrutura do Campo Literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paul: Editora UNESP, 2004.

BROWN, Lawrence T. *The Black Butterfly: The Harmful Politics of Race and Space in America*. Johns Hopkins Universiry Press: Baltimore, 2011.

CARRASCOSA, Denise. *Corpo de vento: Exu da teoria: travessias crítico-performativas pelas artes negras*. – Salvador: EDUFBA, 2024.

CARNEIRO, A. Sueli. *A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser*. Tese (doutoramento). USP: 2005. https://repositorio.usp.br/item/001465832> 05/02/2023.

CASTIANO, José. *Filosofia africana: da sagacidade à intersubjetivação*. Maputo: Editora Educar, 2015.

CHARAUDEAU, Patrick. *Por uma interdisciplinaridade "focalizada" nas ciências humanas e sociais*. In: *a transdisciplinaridade e a interdisciplinaridade em estudos da linguagem*. Orgs.: MACHADO, I.; COURA, J.; MENDES, E. – BH: FALE/UFMG, 2013.

CICI, Vovó [Nancy. de S. e Silva]. *Oxum e a tecelã*. Grupo de pesquisa Laroyê. 2021. https://www.youtube.com/watch?v=0wpaIv-K56E> 30/07/2023.

CORSARO, William A. *Sociologia da infância*. 2. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2011.

DALCASTAGNÈ, R. *Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais*. Iberic@l: Revue d'études ibériques et ibéro-américaines, v. 2, 2012.

DEUS, Lílian Paula Serra e. *Não é preciso ter útero para ser mulher.* São Paulo: Ed. Voz de Mulher, 2020.

DIOP, Cheick Anta. *A origem Africana da civilização: mito ou realidade*. Paris: Présence Africaine, 2014. https://archive.org/details/dr.-cheikh-anta-diop-a-origem-africana-da-civilizacao-ptbr-completo/page/10/mode/2up> 21/ 07/2020.

DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

EVARISTO, Conceição. *Escrevivências da afro-brasilidade: história e memória*. Revista Releitura, Belo Horizonte, Fundação Municipal de cultura. n. 23, novembro de 2008.

FONSECA, S. C. da. *O rap como poesia negra da diáspora: modos de dizer, modos de fazer literatura*. CRÍTICA EDUCATIVA, v. 5, p. 135, 2019. https://www.criticaeducativa.ufscar.br/index.php/criticaeducativa/article/view/430/457> 29/01/2026.

FREITAS, H. *Literatura-terreiro: letramentos negros, pilhagem epistêmica e iniciação à herança africana na literatura brasileira*. Salvador: Segundo Selo, 2025 (NaEncruza).

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19795
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

GLISSANT, E. *Poética da relação*. Trad. Manuela Mendonça. Porto: Sextante, 2011.

MBEMBE, A. *Políticas da inimizade*. Trad.: Marta L. Lisboa: Antígona Editora, 2017.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica:* biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Trad. Renata Santini. São Paulo: n-1 Edições, 2018.

MELLO, Leonel Itaussu; COSTA, Luís César Amad. *História Antiga e Medieval: da comunidade primitiva ao Estado Moderno*. SP: Scipione, 1993.

MORIN, Edgard. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Trad. Eloá Jacobina. RJ: Bertrand Brasil, 2000.

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Tradução Dulce Matos. Lisboa: Instituto Piaget, 1991

MONTEIRO, Dalva de Andrade. *A função paterna e a cultura*. Cógito: Salvador, 2001.

MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da memória: o Reinado do Rosário no Jatobá*. BH: Perspectiva, Mazza Edições, 1997.

NASCIMENTO, Abdias do. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. RJ: Paz e Terra, 1978.

NASCIMENTO, Wanderson Flor do. *Da necropolítica à Ikupolítica*. Revista Cult: São Paulo, 2020.

NASCIMENTO, Beatriz. *Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos*. Organização: Alex Ratts. RJ: Editora Zahar, 2021.

OLIVEIRA, Apolo; CASSILHAS, Feibriss *et al. Transvivências Negras: entre afetos e aquilombamentos - contando histórias afro-diaspóricas*. Salvador: Devires, 2021.

OLIVEIRA, Eduardo David de. *Cosmovisão africana no Brasil: elementos para uma filosofia afro-descendente*. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2006.

OLIVEIRA, Sílvio R. *Peleja de Inácio contra o memoricídio dos saberes negros*. ODEERE, v. 8. 2023. https://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/download/12410/7483/37665> 29/11/2023.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. *A saliva da fala: notas sobre a poética banto-católica no Brasil*. São Paulo: Fósforo, 2023.

PINTO, Valdina [Makota]. Retrato da Mestra Makota Valdina (Saberes Tradicionais UFMG). Realização PROGRAD. Terreiro Nzo Onimboya, Salvador/BA, 2018. https://www.youtube.com/watch?v=FAc4CJr-4qtM> 19/04/2023.

PORTUGAL, D. S. *Ritmologia nagô: delineamentos de memórias culturais nos candomblés*. Dissertação (Mestrado); Or.: Profª. Drª. Alvanita Almeida. PPGLitCult: Salvador, 2013. https://repositorio.ufba.br/handle/ri/29373> 05/04/2025.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos orixás*. Ilustração: Pedro Rafael. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

QUIJANO, Anibal. *A colonialidade do saber: eurocentrismo* **e ciências sociais, perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do Século XIX*. SP: Companhia das Letras, 1991.

RIBAS, Oscar. Ilundo: *divindades e ritos angolanos*. Luanda: Museu de Angola, 1958.

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19795
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala*? Belo Horizonte: Letramento: Justificando. (Coleção Feminismos Plurais), 2017.

RIBEIRO, M. de F. Maia. *Discursos de trânsitos e interlocuções entre culturas e língua(gen)s na literatura angolana de língua portuguesa: a obra poético-crítica de Manuel Rui*. IV SIALA 2012 – Seminário acolhendo as línguas africanas, Salvador, 2012.

SANTANA, Tiganá. *A capoeira do pensamento*. 2021. https://revistalavoura.com.br/a-capoeira-do-pensamento-ensaio-de-tigana-santana/> 26/06/2024.

SAUNDERS, T. *Cuban underground Hip-Hop: Black Thouhts, Black Revolution, Black Modernity*. Online document: bv-help@uchicago.edu> University of Texas, 2015.

SILVA, Denise Ferreira d. *A dívida impagável*. São Paulo: Oficina de Imaginação Política e Living Commons, 2019.

SILVA, Denise Ferreira da. *Homo Modernus*: *para uma ideia global de raça*. Trad. Jess Oliveira e Pedro Daher. Rio de Janeiro: Cobogó, 2022.

SODRÉ, Muniz. *O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira*. RJ: Vozes, 2002.

SOUZA, F. Mulheres *Negras Escritoras [Black Women Writers]*. Revista Crioula nº 20 - 2º semestre/2017. https://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/141317/136840> 17/11/2024.

SOUZA, Florentina. *Escrita de mulheres negras: exercícios de escrevivência e de re(exis) (sis)tência*. Revista Cerrados, v. 30 n. 57, dez. 2021, Brasília/DF. https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/38376> 22/04/2024.

SOYINKA, Wole. *Mito, literatura e o mundo africano*. Trad.: Karen de Andrade. RJ: Zahar; SP: Edições Sesc, 2024.

VALENTE, Waldemar. *Sincretismo religioso afro-brasileiro*. 3. ed. SP: Nacional, 1977.

VERGER, Pierre Fatumbi. *Lendas africanas dos Orixás*. 4. ed. Salvador: Corrupio, 1997.